

O animal como o outro sensível: o discurso de John Coetzee, a mente darwiniana e o lugar das emoções na questão da ética animal

André Luis de Lima Carvalho
Ricardo Waizbort

Resumo: Tomando como fio condutor as posições defendidas pela personagem Elizabeth Costello, na obra “A vida dos animais”, de John Coetzee, este artigo pretende abordar a tese darwiniana da origem comum entre as mentes animal e humana e suas implicações no campo da zooética (“ética animal”). Serão discutidas noções apresentadas por Costello e contrapontos de outros autores, incluindo conceitos como: “imaginação simpatizante”; “caráter subjetivo da experiência”; “cegueira ética por condicionamento”. O contraste entre razão e emoção como pontos de referência para um debate ético será abordado. A importância das emoções será discutida tanto no que diz respeito à noção de “emoções animais”, como também do lugar das “emoções morais” humanas no estabelecimento de valores e parâmetros. Será dada ênfase à faculdade da simpatia (“sympathy”), incluindo a capacidade humana de colocar-se no lugar do outro. Aqui, o animal se revela como um outro sensível, digno e capaz de usufruir o mundo de maneira própria, rica e plena, e, ao mesmo tempo, de capaz de realizar trocas intersubjetivas – pessoais e “íntimas” – com os humanos.

Palavras-chave: Coetzee, John; ética animal; darwinismo; emoções

Coetzee, the Darwinian mind, and the place of emotions in the issue of animal ethics

Abstract: Starting with the positions taken by the character Elizabeth Costello, in the book “The lives of animals” written by John Coetzee, this article intend to address the Darwinian theory of common origin between human and animal minds and their implications in the field of zooethics (“animal ethics”). The article discusses notions presented by Costello and counterpoints from other authors, including concepts such as “sympathetic imagination”, “subjective character of experience”, “ethical blindness by conditioning”. The contrast between reason and emotion as points of reference for an ethical debate will be addressed. The importance of emotions will be discussed both with regard to the notion of “animal emotions” as to the place of human “moral emotions” in the establishment of values and parameters. Emphasis will be on the faculty of “sympathy”, including the human capacity to put oneself in another’s place. Here, the animal turns out to be another sensitive, able to enjoy the world by its own way, rich and full, and, at the same time, to establish intersubjective interactions – personal and “intimate” – with humans.

Keywords: Coetzee, John; animal ethics; Darwinism; emotions

O animal como outro sensível: o discurso de John Coetzee, a mente darwiniana e a questão da ética animal

André Luis de Lima Carvalho*
Ricardo Waizbort**

1 INTRODUÇÃO

Os debates atuais relacionados ao campo da ética animal – ou *zooética* – vêm ganhando terreno em todo o mundo ocidental nesse início do século XXI, inclusive no Brasil. O aumento de traduções para o português de obras a respeito desse tema atesta o crescente interesse do público por essa questão. Dentre estes se destacam o recém-publicado *Empty cages (Jaulas vazias)*, do filósofo Tom Regan (2006) e a tardia, mas apropriada tradução para o português do livro *Animal liberation (Libertação animal)*, do filósofo Peter Singer, publicado nos Estados Unidos na década de 1970, e considerado um clássico da discussão nesse campo (Singer, 2004).

Mas nem somente de discussões explicitamente filosóficas se alimenta a zooética. Outro livro publicado recentemente no Brasil, intitulado *The lives of animals (A vida dos animais)*, é obra não de um

* Estudante de doutorado no Curso de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ. Rua Cosme Velho, 315, bloco 1, apto 703, Cosme Velho, 22241-090 Rio de Janeiro, RJ. E-mail: acbiopsi@yahoo.com.br

** Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ. Av. Brasil, 4036, 4º andar, sala 417, Manguinhos, 21040-361 Rio de Janeiro, RJ. E-mail: ricardowaizbort@yahoo.com.br

filósofo, mas de um romancista sul-africano, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 2003: John Coetzee (2003). O objetivo principal desse artigo é o de levantar algumas implicações éticas da noção darwiniana de mente animal e articulá-las com o discurso de Elizabeth Costello, personagem fictícia que protagoniza a obra de Coetzee. Acreditamos que emerge dos discursos desses dois autores, e de outros aqui contemplados – a saber, Peter Singer e Barbara Smuts – um animal que se destaca como um *outro* mentalmente complexo e sensível, que partilha com os humanos uma (outra) vida cheia de expectativas, desejos, prazeres e valor intrínseco. Respeitando a ordem de precedência histórica, no entanto, antes de analisar o discurso de Coetzee começaremos por apresentar as concepções e argumentos darwinianos que servirão como referências para as discussões que desejamos estabelecer.

2 A TEORIA DA ORIGEM COMUM E O ANIMAL DARWINIANO

A discussão ética a respeito das relações entre homens e animais não é uma invenção da modernidade; ela tem raízes históricas e filosóficas talvez tão antigas quanto a própria tradição do pensamento ocidental (Guerrini, 2003, p. ix), e no século XVIII muitos eram os pensadores europeus preocupados com um tratamento humanizado aos animais (Garret, 2000). Ainda assim, a entrada em cena do darwinismo, em meados do século XIX, tem implicações profundas nessa discussão. E de todas as inovadoras concepções darwinianas, a que tem uma relação mais direta com essa questão é a tese da *origem comum*, apresentada já na primeira edição do *Origem das espécies*, em 1859 (Darwin, 2002). A tese da origem comum (*community of descent*) postula ter a vida surgido uma única vez no planeta, e que todos os seres vivos seriam descendentes desse “primeiro ser animado” (Darwin, 2002, p. 380). Isso implicava uma herança biológica ancestral partilhada por todos os seres vivos.

A tese darwiniana da origem comum entre animais e homens representa uma contribuição fundamental e decisiva para o destronamento do homem de seu lugar de senhor absoluto do mundo natural, motivo pelo qual o biólogo Ernst Mayr a considera a “primeira revo-

lução darwiniana”¹ (Mayr, 1998, p. 140). E é por esse mesmo motivo que o advento do darwinismo transforma de maneira profunda o cenário da discussão ética da exploração dos animais. James Rachels (1998, p. 152) argumenta que antes de Darwin, nossa compreensão da natureza dos animais não-humanos era baseada num quadro do mundo caracterizado por um abismo entre as naturezas animal e humana, estabelecido de uma vez por todas por Deus em seu ato original de criação. Darwin, porém, ao postular a ancestralidade compartilhada entre todos os viventes, propiciara um novo quadro, que, uma vez adotado, impunha a visão dos animais como seres moralmente significativos.

Embora a tese da origem comum já esteja presente no *Origin*, publicado em 1859, somente 12 anos depois Darwin publicaria uma obra na qual se dispunha a tratar explicitamente da origem do homem e de sua evolução como produto dos mesmos processos evolutivos responsáveis por toda a diversidade da vida no planeta. Essa obra intitulava-se *The descent of man and selection in relation to sex* (Darwin, 1998a [1871]), e foi seguida, um ano depois, de um volume de temática mais específica, intitulado *The expression of emotions in man and animals* (Darwin, 1998b [1872]). Seria principalmente nessas duas obras que Darwin teceria a complexa trama de sua teoria da mente.

É a partir dessas obras que fica claro que, na concepção de Darwin, a continuidade entre animais e humanos não se restringia ao domínio físico. Embora Darwin não negasse a imensa distância entre as mentes animal e humana, como tenaz defensor do “princípio de continuidade” ele insistia que essa diferença não era de tipo, mas *de grau*. A vida mental já não era, portanto, um atributo exclusivo da espécie humana, mas um produto dos processos naturais e históricos da evolução biológica no planeta. A explicação darwiniana do advento da mente se caracterizava como essencialmente naturalística, dispensando totalmente quaisquer componentes teológicos: a partir de

¹ A segunda revolução, segundo Mayr (1998), seria aquela causada pela teoria da seleção natural, cujos impactos não foram de todo assimilados até os dias de hoje (Dennet, 1998, p. 11).

algum momento no processo evolutivo, alguns dos ramos da árvore da vida teriam começado a gerar seres com um novo atributo adaptativo: a mente. Em Darwin essa mente não mais é, portanto, o grande distintivo demarcador da singularidade humana. Na verdade, o primeiro broto de mente a florescer na árvore da vida surge antes, muito antes do homem. Nasce como mente animal, em ramos muito mais antigos da árvore da vida. (Darwin, 1998a [1871]; 1998b [1872]).

3 A MENTE ANIMAL DEPOIS DE DARWIN: ECLIPSE E RENASCIMENTO

As teses de Darwin sobre a mente animal triunfariam por duas ou três décadas no coração do pensamento acadêmico da Inglaterra e de outros pólos do saber científico. Entretanto a partir do fim desse século e das primeiras décadas do século XX ocorreria uma reviravolta, uma espécie de *eclipse da mente animal*. Em reação à credulidade do mentalismo darwinista, os behavioristas radicais passaram a defender que os animais não pensavam; simplesmente respondiam a estímulos, e seu comportamento seria sempre inconsciente, automático, baseado em reflexos (Ridley, 2003, p. 11). A ênfase voltava a recair sobre as *diferenças* – e não mais sobre as *semelhanças* – entre animais e homem, e em meados do século XX a idéia de *mente animal* passaria a constituir uma verdadeira heresia científica (Ridley, 2003, p. 13).

Essa postura começaria a ter sua hegemonia minada, porém, a partir da década de 1960, graças em grande parte às descobertas, esforços e discursos de dois autores: Jane Goodall e Donald Griffin. As pesquisas da primatóloga Jane Goodall com chimpanzés selvagens da Tanzânia, desde 1960, apresentaram ao mundo animais de uma complexidade mental inimaginável. Os chimpanzés de Goodall desenvolviam astuciosas estratégias de caça; faziam incursões de manança em territórios alheios; transmitiam por meio de mecanismos de tradição cultural hábitos individualmente adquiridos que otimizavam o aproveitamento dos recursos disponíveis; articulavam manobras sofisticadas de “xadrez social”, e demonstraram uma habilidade significativa na manipulação de ferramentas (Goodall, 1991).

Já o professor Donald Griffin, considerado um dos fundadores da etologia cognitiva, figura entre os principais responsáveis pelo retor-

no do debate acerca da legitimação da noção de *mente animal* nos fóruns acadêmicos². Desde sua primeira obra sobre o tema, publicada em 1976 (Griffin, 1976), esse autor reuniu, à maneira de Darwin, centenas de exemplos que evidenciam a existência de complexos processos mentais sofisticados em animais pertencentes aos mais diversos grupos taxonômicos, além de construir sólidos argumentos lógicos em defesa de suas teses.

A partir desses rearranjos propostos e promovidos pelos esforços pioneiros de pesquisadores como Goodall e Griffin, uma nova atitude passava a ser gradativamente adotada quanto à percepção que a comunidade acadêmica, e mesmo a opinião pública, teriam do comportamento e, também, da sensibilidade animal. Um dos resultados disso foi a incorporação desses novos discursos e evidências a respeito da complexidade das faculdades cognitivas dos animais em um debate acadêmico, que se (re)materializou na década de 1970, a respeito da ética animal, encabeçado por nomes como o psicólogo inglês Richard Ryder (Ryder, 1989) e o filósofo australiano Peter Singer (Singer, 2004).

4 COETZEE, COSTELLO E SULTÃO

Em 1997, o escritor John Coetzee foi convidado a proferir duas palestras sobre um relevante tema ético nas *Tanner Lectures*, tradicional encontro acadêmico da Universidade de Princeton. O título que deu à sua fala, posteriormente convertida em livro, foi *A vida dos animais* (Coetzee, 2002). As conferências de Coetzee, porém, se afastam muito dos habituais ensaios filosóficos típicos de uma *Tanner Lecture*; são narrativas ficcionais. Esse autor convidou seus ouvintes a imaginar um encontro acadêmico, de formato praticamente idêntico ao das próprias *Tanner Lectures*, no qual a personagem Elizabeth Costello, também uma romancista, é convidada por seus anfitriões de *Appleton College* a proferir duas conferências sobre um assunto de

² Essa discussão está longe de esgotada. O próprio Griffin relata a resistência, ainda atual dos etólogos cognitivos e outros cientistas, à adoção do conceito de mente animal e em evitar afirmar que os animais possam ser dotados, por exemplo, de pensamento consciente (Griffin, 1992).

sua escolha para a Palestra *Gates* Anual dessa instituição. Assim como Coetzee, Costello surpreende a todos: ela opta por discorrer não sobre literatura ou crítica literária, mas sobre as formas como o ser humano trata os animais.

Ao fim da obra, quatro comentadores discutem a forma e o conteúdo das palestras de Coetzee. São eles: a teórica literária Marjorie Garber; o filósofo Peter Singer; a teóloga Wendy Doniger e a primatóloga Barbara Smuts. Neste artigo o pensamento de dois desses comentadores será analisado: o de Singer e Smuts, por entendermos que suas abordagens têm maior relevância e pertinência no que diz respeito ao tema de nosso estudo.

Para fazer justiça à complexidade da trama e da estratégia retórica de Coetzee, é importante esclarecer que, ao optar por uma narrativa ficcional com várias personagens, esse autor acaba por expor não um, mas vários pontos de vista. Não apenas Costello, a protagonista, tem voz. John Bernard, seu tímido filho, professor de física e astronomia da Appleton, sua nora, Norma e outras personagens apresentam diversos questionamentos às idéias defendidas por Costello, mas suas teses não serão aqui apresentadas, pois não as consideramos essenciais às questões que desejamos discutir. Também não temos a intenção de pormenorizar o discurso de Costello. Nosso propósito é o de selecionar algumas passagens mais significativas que ilustrem de maneira adequada o pensamento da personagem e os argumentos de Coetzee a respeito de questões relativas à ética animal.

Um bom exemplo da forma como Costello articula suas teses diz respeito à sua análise de um estudo experimental conduzido no início do século XX, sobre a capacidade de raciocínio em chimpanzés. O psicólogo alemão Wolfgang Kohler liderou uma pesquisa na qual chimpanzés cativos eram submetidos a dificuldades crescentes para alcançar bananas que lhes serviam de alimento. Essas bananas eram inicialmente colocadas diretamente no chão da jaula, mas posteriormente diversas situações experimentais testavam a capacidade de raciocínio dos animais. Num desses testes um cacho de bananas é pendurado no teto, demasiado alto para ser alcançado pelos chimpanzés, mas são colocados na jaula vários caixotes de diferentes tamanhos, que podem ser dispostos uns sobre os outros. Em outro expe-

rimento o cacho é colocado do lado de fora da jaula, longe do alcance desses primatas. A única forma de alcançar as bananas, dessa vez, é encaixando diversas varas que foram deixadas na jaula. Dentre os chimpanzés do grupo estudado um deles, chamado Sultão, se destacou em todas as situações como especialmente inteligente, aprendendo mais rapidamente que os outros. como empilhar as caixas ou encaixar as varas para ter acesso às bananas.

Em sua análise do experimento Costello faz uma crítica mordaz à mentalidade do pesquisador e à artificialidade do experimento, e aponta como as expectativas rasas resultantes dos preconceitos do pesquisador quanto às possibilidades do chimpanzé promovem um empobrecimento do estudo, por induzir a uma restrição das respostas comportamentais do animal:

A cada vez Sultão é levado a ter o pensamento menos interessante. Da pureza da especulação – por que os homens se comportam assim? – ele é impiedosamente impelido ao raciocínio mais baixo, prático, instrumental – como usar isso para conseguir aquilo? – e assim à aceitação de si mesmo primordialmente como um organismo com um apetite a ser satisfeito. Embora toda a sua história, desde o momento em que sua mãe foi morta e ele foi capturado, passando pela viagem numa jaula até a prisão neste campo, desta ilha, e os jogos sádicos que ali se realizam com a comida, tudo o leva a questionar a justiça do universo e o lugar que nele ocupa esta colônia penal, na qual um regime psicológico cuidadosamente planejado o leva para *longe* da ética e da metafísica em direção ao humilde domínio da razão prática. (Coetzee, 2002, p. 36; grifo do autor)

Junto a essa crítica contundente, Costello propõe diversas outras preocupações possíveis que poderiam, no entendimento dela, se passar na mente de Sultão ao ser privado de seu alimento fácil. Preocupações que a concepção e o formato do experimento não levam em conta, e cujo desenvolvimento é tolhido:

Por que ele está me deixando passar fome? Ou: o que foi que eu fiz? Por que ele parou de gostar de mim? Ou ainda: por que ele não quer mais esses caixotes? [...] Até mesmo um pensamento mais complicado – por exemplo: qual é o problema dele? Que conceito errado ele faz de mim que o leva a acreditar que é mais fácil para mim chegar

até uma penca de bananas pendurada num fio do que pegar as bananas no chão? (Coetzee, 2002, p. 35)

Com toda essa construção retórica e lírica, Costello opõe ao chimpanzé pragmático de Kohler um outro chimpanzé, imensamente mais denso em sua subjetividade:

No seu ser mais profundo, Sultão não está interessado no problema da banana. Só a mente do experimentador, obsessivamente voltada para o problema, é que o força a se concentrar nele. A questão que realmente o ocupa, como ocupa o rato e o gato e qualquer outro animal aprisionado no inferno de um laboratório ou de um zoológico é a seguinte: onde está a minha casa e como chego lá? (Coetzee, 2002, p. 37)

Essa fala da personagem é de grande importância na argumentação do autor: fora de seu ambiente natural, privado das condições que o possibilitem exercer sua natureza mais profunda, a vida de um animal tem seu sentido deslocado. Um chimpanzé enjaulado é um animal mutilado, alijado de sua verdade fundamental, presa de intenso sofrimento emocional. Um animal cativo é mais que um prisioneiro; é também um exilado.

5 ALÉM DOS CONFINES DO HOMEM: A SIMPATIA, FACULDADE DO CORAÇÃO

Costello é uma crítica da adoção da razão como parâmetro nas deliberações éticas. Questiona quaisquer tentativas de atribuição de valores diferentes a diferentes seres a partir do grau de racionalidade dos mesmos:

Quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nuca segurou nas mãos um animal que luta pela vida. O ser inteiro do animal se lança nessa luta, sem nenhuma reserva [...] todo o seu ser está na carne viva. (Coetzee, 2002, p. 78)

Afirmando que muitos acadêmicos alheios ao sofrimento animal assim procedem porque no exercício da racionalidade pura e descarada “fecharam seus corações”, Costello defende que “o coração é sítio de uma faculdade, a simpatia, que, às vezes, nos permite **partilhar o ser do outro**” (Coetzee, 2002, p. 43, grifo nosso). É essa fa-

culdade moral que a palestrante elege para fundamentar sua proposta ética. Evocando a *imaginação simpatizante*, Costello alega que por meio do recurso da “invenção poética” um escritor suficientemente sensível pode experimentar a essência de qualquer animal (Coetzee, 2002, p. 63).

Charles Darwin, ao contrário de Costello, foi um grande promotor e entusiasta da racionalidade científica como componente de um projeto civilizador. Mas essa comoção com o sofrimento animal também está presente no discurso desse naturalista, como se pode observar na passagem abaixo:

Sabe-se de um cão que, na agonia da morte, afagou seu dono. E todos já ouviram falar do cão que, enquanto sofria durante uma viviseção, lambeu a mão daquele que o operava. Esse homem, a menos que tal operação tenha sido totalmente justificada por um aumento no conhecimento, ou que tivesse um coração de pedra, deve ter sentido remorso até a última hora de sua vida. (Darwin, 1998a [1871], p. 71)

Aqui chama a atenção a explicitação de uma visão ética de Darwin quanto ao relacionamento entre homem e animal. E o fato de que o apelo é feito a que se considere acima de tudo o aspecto emocional, o amor fiel e incondicional de um cão sacrificado por um homem que traiu suas expectativas afetivas, que não soube honrar sua devoção a ele. Além disso, à semelhança da personagem de Coetzee, Darwin também depositava grandes expectativas na faculdade da simpatia:

À medida que o homem avança em civilização, e que pequenas tribos se unem em comunidades maiores, a razão mais simples ensinaria a cada indivíduo que ele deve estender seus instintos sociais e simpatias para todos os membros da mesma nação, mesmo que pessoalmente desconhecidos dele. Havendo esse ponto sido alcançado, não resta senão uma barreira artificial a impedir que suas simpatias se estendam aos homens de todas as nações e raças. [...] **A simpatia para além dos confins do homem**, ou seja, o tratamento humanitário dos animais inferiores, parece ser uma das últimas aquisições morais. [...] Tal virtude, uma das mais nobres com as quais o homem é dotado, parece emergir incidentalmente [do fato] de nossas simpatias irem se tornando mais ternas e amplamente difundidas, até se estenderem para todos os seres sencientes. (Darwin, 1998a [1871], p. 126; grifo)

nosso)

Note-se, no trecho acima, a proposta de uma “simpatia para além dos confins do homem” a partir de um contato sensível mediado por essa “faculdade do coração”, nas palavras de Costello (Coetzee, 2002, p. 43). Procederemos, em seguida, a uma análise de alguns pontos enfatizados pelos dois comentadores que elegemos para inclusão em nossas discussões: Barbara Smuts e Peter Singer.

6 OS COMENTADORES

Barbara Smuts, uma das comentadoras do pensamento de Costello/Coetzee que se manifestam no apêndice da obra, é uma primatóloga que estuda babuínos selvagens. Compartilhando da visão da personagem a respeito das possibilidades mediadas pela faculdade da simpatia, Smuts relata suas experiências de campo com babuínos. A cientista explica que em seu trabalho o aspecto objetivo era apenas parte de sua tarefa, que incluía também “o desafio físico de funcionar em uma paisagem desconhecida”. Para dar conta desse desafio foi preciso “aprender com meus mestres [os babuínos] como ser um grande primata africano” (Smuts, *apud* Coetzee, 2002, p. 131). E diz que “assim me tornei (ou melhor, reconquistei meu direito ancestral de ser) um animal, me deslocando instintivamente por um mundo que sentia (porque era) como meu antigo lar”, o que a permitiu compreender a partir de uma experiência interna o estado básico desses animais, “que parecia ser de uma apreciação prazerosa de ser um corpo babuíno numa terra babuína” (*ibid.*, p. 131-2).

Mas é nessa mesma chave de compreensão, na idéia da possibilidade de partilhar o ser do outro, que Smuts chama a atenção do leitor para uma passagem na qual Thomas O’Hearne, professor de filosofia em Appleton, acusa os defensores dos animais de terem como bandeira uma alegada e impossível comunhão com os animais. O professor afirma que “não dá para ser amigo nem de um marciano nem de um morcego, pela simples razão de termos muito pouco em comum com eles” (Coetzee, 2002, p. 78). Smuts comenta, a respeito desse trecho, que “embora Costello refute muitas outras afirmativas de O’Hearne, ela fica inexplicavelmente calada diante desta, tão fácil de refutar”. A primatóloga pergunta “por que Elizabeth Costello não

menciona o relacionamento com seus gatos como fonte importante de seus conhecimentos sobre outros animais, e sua atitude em relação a eles?” (Smuts, *apud* Coetzee, 2002, p. 129).

Relatando suas experiências, Smuts explica que foi compelida pelas circunstâncias “a explorar o terreno da intersubjetividade humano-babuíno” (Smuts, *apud* Coetzee, 2002, p. 132). Referindo-se à explicação de Costello a respeito das propriedades da simpatia, afirma que “para o coração partilhar verdadeiramente o ser de outrem, tem de ser um coração encarnado, preparado para encontrar diretamente o coração encarnado de outrem” (*ibid.*, p. 129). E afirma que ela própria encontrou esse “outro” repetidamente, ao longo de anos passados na companhia de “pessoas não-humanas”, as quais incluíram gorilas, chimpanzés, babuínos e golfinhos, além de sua cachorra Safi (*ibid.*, p. 130). Embora despreocupada quanto a formalizar um instrumental conceitual, Smuts defende, ao longo de toda a sua fala, a legitimidade da concepção de indivíduos de muitas espécies animais como *pessoas*, com base em suas particularidades comportamentais e temperamentos individuais distintos, sua capacidade de reconhecimento individual dos membros do grupo, seu estabelecimento de relações diferenciais de amizade, hostilidade, rivalidades, preferências (*ibid.*, p. 128-145).

À maneira de Costello, Smuts diz que sua vida a convenceu de que “os limites que encontramos em nossas relações com outros animais refletem [...] a visão estreita com que pensamos quem são eles e que tipos de relações podemos ter com eles”. Mas vai além de Costello na insistência da possibilidade do estabelecimento de relações diretas de amizade genuína entre humanos e pessoas não-humanas (Smuts, *apud* Coetzee, 2002, p. 145).

Peter Singer, por sua vez, contesta Elizabeth Costello em mais de um ponto, mas vamos nos concentrar, aqui, na questão da avaliação do valor inerente de diferentes formas de vida. Embora Singer seja um crítico de posturas especistas, e defenda que as vidas animais têm valor inerente, e não apenas instrumental (Singer, 2002a, p. 126), ele não concorda com a posição de Costello, segundo a qual uma vida animal nunca tem, em si, menos valor que uma vida humana. Singer sustenta que no estabelecimento de prioridades, quando se faz neces-

sário escolher entre tirar ou não a vida de um ser em prol da vida de outro, é importante que se leve em conta a qual daqueles dois indivíduos sua própria vida fará mais falta. Dessa forma, explica o filósofo, um ser humano normal, dotado de todas as faculdades mentais típicas de um ser humano, tem mais a perder, caso lhe seja a tirada a vida, do que um cão, por exemplo, uma vez que os humanos são dotados de algumas faculdades mentais que faltam aos cães, como a auto-consciência, a preocupação com o futuro, a construção de trajetórias pessoais. Em suma, o ponto que o filósofo deseja mostrar é que o valor de uma existência é proporcional à riqueza de seu horizonte de experiências, ou seja, diferentes existências são dotadas de valores intrínsecos, sim, mas não os mesmos valores (Singer, 2002b, p. 105).

7 CONCLUINDO: A MENTE DARWINIANA E O ANIMAL SENSÍVEL

Apresentamos neste trabalho o discurso de diferentes pensadores a respeito da subjetividade mental animal, e debatemos e contrastamos as implicações éticas levantadas por eles no que diz respeito às formas moralmente legítimas de relações entre animais e humanos. Queremos, agora, voltar a enfatizar a importância das proposições de Charles Darwin. Entendemos que, independente das referências dos autores em questão a Darwin serem ou não explícitas, a concepção de mente animal estabelecida por Darwin está na base da própria concepção do que seria a vida interna de um animal. Pois Darwin (1998a [1871]; 1998b [1872]) descreve e estabelece um animal dotado de grande inteligência e sensibilidade. Um animal caracterizado pela posse de diversas e complexas faculdades mentais, que experimenta uma ampla gama de emoções e, portanto, tem, muito a perder com a perda da própria vida, rica em experiências, memórias, expectativas.

Em decorrência de sua relação de ancestralidade compartilhada – e, portanto, de continuidade mental – com os humanos, esse animal darwiniano fundamenta as discussões zooéticas atuais, por vezes de forma explicitada (Rachels, 1998; Regan, 2006, p. 70; Singer, 2002a, p. 107), noutras de forma implícita. Não há como não ver o espectro de Darwin, por exemplo, por trás da formação acadêmica de primatólogas do quilate de Goodall e Smuts. Mesmo no discurso de John

Coetzee, esse animal darwiniano se faz visível, com força poética. Aliás, o animal darwiniano, com toda sua rica vida subjetiva e sofisticadas capacidades mentais, está muito mais próximo do chimpanzé descrito por Costello / Coetzee que de um primata simplório cuja única motivação na vida seria descobrir como alcançar uma penca de bananas.

Também aproxima esses autores a valorização da simpatia como uma faculdade do coração, um conjunto de competências mentais, morais e relacionais que permitem que um indivíduo partilhe o ser do outro. Divergências à parte, poderíamos, em suma, afirmar que todos os autores aqui mencionados compartilham da proposta de Darwin, de extensão das preocupações e deliberações éticas da humanidade até uma “simpatia para além dos confins do homem”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COETZEE, John (ed.). *A vida dos animais*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. [1859]. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- . *The descent of man*. [1871]. New York: Prometheus Books, 1998a.
- . *The expression of the emotions in man and animals*. [1872]. New York: Oxford University Press, 1998b.
- DENNET, Daniel. *A perigosa idéia de Darwin*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GARRET, Aaron V. (ed.). Introduction. Vol. 1, in: *Animal rights and souls in the Eighteenth Century*. Bristol: Thoemmes Press, 2000³.
- GHISELIN, Michael. An evolutionary psychology. In: GHISELIN, Michael. *The triumph of the Darwinian method*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- GOODALL, Jane. *Uma janela para a vida: 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

³ Disponível em: <http://www.thoemmes.com/18cphil/animal_intro.htm>. Acesso em: 07 nov. 2005.

- GRIFFIN, Donald. *Animal minds*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- GUERRINI, Anita. *Experimenting with humans and animals: from Galen to animal rights*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2003.
- MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- RACHELS, James. *Created from animals: the moral implications of Darwinism*. London: Oxford University Press, 1998.
- REGAN, Tom. *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Porto Alegre: Lugano, 2006.
- RICHARDS, Robert J. *Darwin and the emergence of evolutionary theories of mind and behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- RIDLEY, Matt. *Nature via nurture*. New York: Harper Collins Publishers, 2003.
- RYDER, R. D. *Animal revolution: changing attitudes towards specisism*. Cambridge: Basil Blackwell, 1989.
- SINGER, Peter. *Vida ética*. Tradução de Regina Rheda. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002a.
- . Peter Singer. Pp. 102-110, in: COETZEE, John (ed.). *A vida dos animais*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.
- . *Libertação animal*. Tradução de Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.
- SMUTS, Barbara. Barbara Smuts. Pp. 128-145, in: COETZEE, John (ed.). *A vida dos animais*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WOODS HOLE OCEANOGRAPHIC INSTITUTION. Media Relations Office. *Obituary*. In Memoriam: Donald R. Griffin. 7 Nov. 2003.⁴

⁴ Disponível em: <<http://www.who.edu/mr/obit.do?id=734>>. Acesso em: 27 de agosto de 2006.